

Coluna do Castello

Esquerda esvaziada e centro congestionado

O fenômeno Collor, desestimulando os discursos à esquerda na campanha sucessória, teve entre outros efeitos o de descongestionar essa faixa política onde se acumulavam as candidaturas de Lula, Brizola, Roberto Freire e Mário Covas e na qual Waldir Pires tentou situar a chapa encabeçada por Ulysses Guimarães. Houve um momento em que até Ronaldo Caiado pretendia ser de cento-esquerda, tal a ideia gerada pelos dias decisivos da campanha eleitoral de 1988, nos quais ascenderam como relâmpagos Erundina, Olívio Dutra e outros, até mesmo os que, no Rio e em Belo Horizonte, poderiam ter invertido o quadro, se lhes dessem mais uma semana para invadir a perplexidade dos eleitores.



Agora é o centro que começa a sofrer de peso excessivo de pretendentes que querem disputar o voto a Fernando Collor, como o está fazendo o senador Mário Covas, candidato do PSDB numa proposta que emergira como a da esquerda intelectualmente mais sofisticada e moderna do país. Não sei se estarão certos Collor, ao dirigir suas baterias contra os *tucanos*, e Waldir Pires, ao fazer à esquerda o mesmo alarido de denúncia sobre a mudança de discurso do seu quase correligionário. O candidato do PRN poderá estar oferecendo aos seus correligionários um primeiro sinal de insegurança, coincidente com o pequeno recuo da sua posição nas pesquisas de preferência de votos. Até aqui ele tem adotado uma estratégia correta, mas entrar na discussão do comportamento dos adversários é algo de novo no seu movimento.

O candidato a vice-presidente na chapa do PMDB talvez esteja erradamente eufórico ao proclamar que ele e Ulysses estão afinal sozinhos no centro-esquerda. A performance eleitoral desses candidatos não melhorou, decorridos quase dois meses do lançamento dos seus nomes e mais de três da opção esquerdista do seu partido, naquela convenção na qual foram excluídos da Executiva Nacional os *moderados*, que representavam mais de 30% dos peemedebistas. O esquerdismo do postulante da vice-presidência imposto a Ulysses (que naquele momento não tinha alternativa) não lhe está rendendo mais popularidade nem aparentemente mais votos. Em São Paulo, principal celeiro de votos do país e terra do candidato, ele não passou dos 3% das preferências dos seus coestaduanos e, em todo o país, disputa a Maluf e a Covas o quarto lugar das opções de votos.

Ou o centro-esquerda não é o melhor lugar para os candidatos ou Ulysses não conseguiu ainda persuadir essa faixa da opinião nacional da autenticidade da sua recente definição ideológica. Moderador e conciliador, sem prejuízo da nitidez da oposição que fazia ao regime militar, não parece se enquadrar na coerência biográfica desse candidato o tom demagógico do discurso que proferiu na cidade mineira de Curvelo. Mais adequadas pareceram suas palavras em Campo Gande, quando aludiu ao seu propósito (aliás contido) de agremiar. O PMDB continua perdido na campanha eleitoral. Representado nos grandes estados por governadores do centro ou da direita, como Orestes Quêrcia e Newton Cardoso, dificilmente terá reconhecida como autêntica proposta ideológica que não se ajuste a personalidades desse tipo: Assim como ainda não convenceu a ninguém a exaltação oposicionista de quem durante quatro anos ajudou Sarney a governar, quando não disputou ao presidente a própria prerrogativa de governar.

Quanto aos resultados das últimas pesquisas do Ibope, do DataFolha e do Vox Populi, é elementar que elas traduzem uma efetiva tendência da opinião. Basta ver os números aproximados que oferecem apesar de métodos e dos universos diferentes. Não adianta denunciar essas instituições como sectárias, facciosas ou interessadas. A pequena queda do favoritismo de Collor não altera o quadro geral no qual se uniformizam as posições, com pequena vantagem para Leonel Brizola, que recompõe sua situação no Rio Grande do Sul, obtendo uma melhoria que em números poderia lhe dar ao todo cerca de 10 milhões de votos, se a eleição fosse hoje. O candidato do PDT continua a ser o provável disputante do segundo turno, pois a parada do PRN pode indicar que está longe ainda a aspiração de Collor de vencer no primeiro turno.

Os efeitos da operação de Covas somente se farão sentir (positiva ou negativamente) nas pesquisas que envolvam as reações de opinião aos fatos que assinalaram a convenção do PSDB e os efeitos do discurso de Covas no Senado. De qualquer forma dá para perceber que antes de setembro a resposta do eleitorado às diversas candidaturas é precária e, portanto, sujeita à instabilidade de um eleitorado que desconhece partidos políticos.

SNI não grava

O general Ivan de Souza Mendes acha que os telefones de Fernando Collor podem estar sendo gravados. Tecnicamente isso é possível. Podem-se detectar ligações até mesmo nas caixas telefônicas dos edifícios. Afirma no entanto: "Se alguém está gravando, não sou eu. O SNI está constitucionalmente proibido de fazer gravações. E eu respeito a Constituição."

Carlos Castello Branco